



PERIODICO BI-SEMANAL
CAUSTICO, HUMORISTICO E ILUSTRADO
DIRECCAO DE CARLOS EDUARDO—PROPRIEDADE DE J. GEPH
ASSIGNATURAS—ANNO 1900, SEMESTRE 2900—
REDACCAO E ESCRITORIO, RUA DA ASSEMBLEA 73, (Solado)
Número avulso, 100 reis, atrasado 200 reis

EXPEDIENTE

A comitar no primeiro numero do Setembro, como experiencia, terá *O Rio Nô* confectado em novo formato, tendo oito paginas em vez de quatro como até hoje. A primeira e as duas paginas do centro serão illustradas com boas gravuras, feitas por processos modernos de photo zinc, e as outras duas paginas de cada lado serão occupadas com o collaborador artistico, cujo nome como desenhista todos conhecem e sabem. *O Rio Nô* não precisa fazer, com as suas novas gravuras, copias do Arco da Velha. Conservando o bello corpo de collaboradores que até hoje tem dado tanto bello a folha, faz a differença de qualidade de collaboradores novos, que virão de certo, a nota impressionante da sua pagina.

Assim procedendo, *O Rio Nô* não pouca esforços nem sacrificios para obter a cidade com um jornal na altura: paulista, humoristico, bem feito, um bochecho atrevido, correspondendo assim a expectativa do publico, e—deste mesmo publico generoso que até hoje o tem amparado com a sua confiança, a esta mudanca que a ele e que a applaude.

Tem sido a olhos vistos o progresso da folha—é justo que ela ponha a pouco a pouco fazendo alguma coisa mais, melhorando aqui, enriquecendo um pouco de litteratura social e *O Rio Nô* não sabe que tudo isto será comprehendido.

Com a nova orientacao o jornal será puramente humoristico, leve, divertido, canhoto, um lanchete quasi.

A experiencia já tem demonstrado que ao não deve ir com muita sede do pote; e é natural que se vá cuidando um pouco de procurar as frias. Logo não quer dizer que *O Rio Nô* prometta ir de cabeça ao lejar... Ah! não! Mas será de um doce humoristico, satirico, com uma pontilha de irreverencia para adoçar, sem offender nem a moral e lido sempre pelas pessoas de bom gosto.



Dissemos ha dois numeros atraz, que o divorcio, que ora se discute no Senado, era uma boa inutilidade e que por isso a condemnava. Achavamos que essa razão—e inutilidade—era uma razão formidable e que, como argumento não, bastaria para matar toda a intelligencia que não se dá por vencida.

Achavamos isso—mas sabiamos o trunfo lá a vista! As avessas ao pelo contrario—que não se pôde. Dissemos que o divorcio não era a nada evita. Um amigo nosso, a quem por signal vivo separação da mulher, por lhe ter ella obrigado a adiar comprando todos os dias um chapéu maior—disse, n'uma roda, depois da leitura do nosso artigo, que «oada um sabe onde se ajusta a sapato».

Grande verdade, mas o pedimos a certeza para não contestar. Felizmente tendo d'isto uma experiencia também formidable, o nosso amigo, a quem o sapato do matrimonio aperta indolentemente (e coisa singular! não tem a aperta no pé: aperta-lhe na cabeça...) o nosso amigo berrou contra a outra coisa profunda: «que eramos contra o divorcio porque eramos solteiros, mas que um dia viria em que havíamos de ter a mulher, como elle lá torcia a d'elle».

Sam querer saber se este amigo torce mesmo a orelha em outra coisa mais constantemente, aqui declaramos solemnemente que somos contra o divorcio, não pelas razões de que o divorcio possa levar a nossa cabeça desmontada, mas porque achamos que, apressado pela manobra porque foi ao Senado, o divorcio só poderá trazer a desorganização da familia e a demoralização da sociedade. Não atacamos o divorcio unicamente pela nossa frágil pessoa, —porque graças a Deus, ainda não precisamos d'elle nem fazíamos de precisar.

E nos amaldiçoamos não nos serve e não nos servirá quando existir, —que o Senado tal não permita.

Outra coisa que faz com que ponha gesto embargue n'essa questão divorciada é a nota pessoal que se lhe impõe. Em geral os autores dos muitos projectos a esse respeito, são sempre desqualificados, victimas ineluctables do acanhado volubis, naufragos do matrimonio, como por ali se diz em linguagem pittoresca: «já na Câmara que muitas vezes martellou essa pia medonha, foi um desgarrado; agora no Senado, o pai da trunção é um desgarrado» também — de formas que todo o mundo pensa, e com infinitissima razão, que esta gente toda acha o divorcio muito bom, só porque o divorcio não tira de uma posição incommoda, —como a da *Arlequina*. O divorcio é assim a modo aquella pessoa que diz que «o cidadão é muito feio» — é vai o cidadão e chama aquelle que disse que elle era muito feio — e vai a gente desgarrada e chama o divorcio.

A *Arlequina* é de primeira, e segundo ouvimos o divorcio não passa ainda d'esta vez por esta outra razão formidable também com a nossa: porque no Senado e na Câmara não há ainda «desgarrados» bastantes para fazer pensar o homem «que disse que o outro era muito feio». Ah! está, amantados. E' Vossas Excellencias tem-se resignando um pouco e esperando que se desguira mais gente da que v'os láia.

Por ora é odo! Procuram os seus eucosmos, prohibem que as suas mãos lhes façam mala afeitar o sapato na cabeça — e vão esperando.

Há de vir o tempo, muitos «desgarrados» virão salvar a Patria, e um d'elles então dirá que Vossas Excellencias são muito feio, muito feio... e Vossas Excellencias dirão então: «vamos esse que disse etc.»

E os Assim Vossas Excellencias sahirão da *Arlequina*.

Entretanto, não desistam. Vão martellando, vão martellando!

Aqui molta em pedra dura...

CARLOS EDUARDO.

Entre um professor surdo e mudo e a sua esposa.

— De-me o presente do indicativo do verbo *amar*.

— *Amando, amando, amando, amando, amando, amando.*

— De-me a 3ª forma do singular.

— *Amava.*

— De-me outra vez, bem alto.

— Oh! senhor! pois já não lhe dei? *Amava* (Quer outra vez? quer mais alto?)

— Não, estou satisfeito.

PAGAR... Precisa-se de um para coadjuvar a *Joia* de uma actriz em voga. Paga-se bem a d'pe confiança. A tratar na rua do Espirito Santo.

O AGIOTA



— Que bella diversão! Quanto daria eu para mergulhar os meus n'esse mundo atelino, encher luvina de choques, afrontar a sociedade com o poder dos meus milhões...

— Ah! minha graciosas senhora! Estes choques têm-me valido cada choque! Exemplo: agora, que tenho diante de mim esse cliente tão chic...

— Obrigada. Posso então considerar-me servida?

— Sim, mas logo à noite.

Dez minutos depois:



— De licença?

— Pode entrar.

— Estou aqui, apertadissima!

— Pois então, não parece...

— Tenho esta filha para pôr no colégio, porque não posso mais natural, meu marido está ausente...

— Que tenho eu com isso?

— É que eu precisava de contrahir um empréstimo e não heito em aceitar toda e qualquer condição que lhe possa agradar.

— Não, minha senhora! Eu preiro a Agua... de Jaus!

TATU CANASTRA.

Lola

Quando tu passas oh! Lola
Com esse modo garboso
Eu fico cheio qual bolu.
Eu não todo bafoso.

Quando tu passas querida
Por mim, passando assim forte
Eu sinto agulha e a vida
Deante d'esta bella porta.

Quando tu danças benzinho
Co' esse teu modo d'arrastar
Eu fico todo tremendo.

Quando então tu estás bulindo
Com o adejo do teu lindu
Eu chego a ficar... trepidando...

ASPIRADA NA COSTA.

D'O SORRISO.

... é um dos melhores apêndices d'esta intelligencia e o Canto Emporralado e a mais privilegiada e a mais subtil e a mais interessante.

Ora, muito bem!

O sorriso robusto e simpático! Está uma creitura que não pode pouca.

Omnipotente que seja, só conheciamos um: — o Todo Poderoso... Ora, este d'O Sorriso é mais omnipotente, portanto mais do que o unico que já existia.

E ali está como se desdobrou um homem modesto, mas mais omnipotente que o Todo Poderoso!

Caracal!

ALICE

Conto um bote de rosa, Ella desfolha
Uma por uma, do petalo do opala.
E já não de todo entristeceva.
Na luvina d'ouros em que se molha.
Ficavam-lhe os cabelos, fiammas d'ouro.
Por sobre a boca branca aphirolada.
Lembrando uma vista paradisíaca.
De amor inasculavel, um thesouro!

O sel se instrumentou n'uma festa
Da banheira, mergulha tremulando.
Como um cilo rubulento em ar de festa.
Emquanto Ella um sorriso desfolhando.
Rarubecida, sobre a agua lesta.
E um nome de rapaz veio murmurando.
(Do concurso mensal).

Dr. Misaos.

Os pobres d'«O Rio Nô»

Recebemos todos os dias os donativos que nos foram enviados com destino certo, ou sem elle, e fazemos periodicamente a distribuição dos mesmos, de accordo com a nova consciencia e a necessidade dos nossos favorecidos.

Temos a velocidade de acreditar que *O Rio Nô* com a criação d'esta secção presta um grande serviço a caridade publica e a intelligencia nacional.

Para hoje enviavamos-nos:

- Uma gemmada para o Sr. Christilano.
- Um violão para o Sr. C.
- Um novo emprego para o Sr. Bello Capista.
- Um volume de maximas para o Sr. Accacio de Freitas.
- Um passaporte para o exterior, de um empregado de Banco.
- Um *Amor-cavaz*, para uma gentil hile.
- Uma *duca* contra a billa, para o Sr. Nazareth.
- Uma garrafa da paciência para a Sra. A. Lippicelo.
- Um cilo de barbaque para o Mesquita.
- Dols contractos de theatro do actor Nazareth.

COM HUMORISMO HUMILDADE

Um rabicho, vindo do Montenegro para o radiador theatral de um jornal de pouca torção.

Uma garrafa de melado para o Sr. Renato quando encruver sobre a graciosidade.

Uma caixa de fôrragens da rua 1.º de Março, mandados nos 50 kilos de tinta verde para que o Sr. Marant dos ligados pinta de trovo os portais.

Quando já mais nova anuancia precisa de um desenvolvimento que a ajude a viver, o que é que ella quer?

— Protecção.

RARIDADES

N'esta redacção se precisa de alguns especimenes de gente que possa ser alguma das coisas seguintes:

- Mais queridos que o Sr. Luis Pinto.
- Mais calpura que o Sr. Maria Falcão.
- Mais torpe que o Chaby.
- Mais jacaré que o Coelho Baptista.
- Mais varapão que o Sr. João Lano.
- Mais da vida que o Sr. Calcin.
- Mais ferra que a Sra. Montenegro.
- Mais feio que o Sr. Juvenal Pacheco.
- Mais narcotizado que o Sr. Collatino.
- Mais fallador que o Sr. J. Vianca.
- Mais enojado que o Sr. B. Roman (filho).
- Mais reviver que o Gasilo.
- Mais gentil que o Pacifico quando se trata de Raridade.
- Mais encurralado que o Luciano.
- Mais *alho* que o 2.º do Pato.
- Mais poeta que o duto (filho).
- Mais bonito que o Carlos Pereira.

Quando a gente não tem o que fazer abre a mão e apanha inocencia.

Ao «Rio Nô»

Serios podemos ser até brincando.
Um bom comportamento sempre tendo
O serio falso é mau, typo excedido!
Muitos d'esses na vida estamos vendo...

Quem brinqueados não está *Joana*,
Luzes combrinhas pavonosas vendo...
Deste d'illo — esse não é venerando...
Brinquedos têm valor, gozo estourando...
Brinca a mãe de familia que, sorrindo,
Vê o esposo, do seu amor disposto...
Todos querem brincar... Como isto é lindu!

Pois heitque a *Rio Nô* também ao mundo,
Sua pilhetas ápticas compoendo,
Nos damos assim prazer alio, jocundo!

Capitana.

Julgamo-nos autorizados a declarar que a peça que se está representando no Sant'Anna com o titulo *«O Asas»*, não é uma allusão ao critico theatral d'A Tribuna.

Historeoscopia

VII
Cidade de Oliveira
Type: *Calad* da *Arlequina*.
Extravagante — Ser *Arlequina*.
Vozes — Desprezadas.
Acto da vida — Incógnito.

VIII
Para Ruz
Type — Gravura colorida de *Arlequina* allusiva.
Extravagante — Delatrar os homens.
Vozes — Trepadeira.
Acto da vida — Empresa de diversas empresas.

Zer.

Leiam os attestados ao lado

— *Journal of the American Medical Association*, 1997